

# A CIÊNCIA DOS INDÍGENAS PANKARÁ NA SERRA DO ARAPUÁ: USO DOS RECURSOS NATURAIS NA TERAPÊUTICA E RITUALÍSTICA

Edivania Granja da Silva Oliveira\*

Edson Silva\*\*

Fernanda Granja da Silva Oliveira\*\*\*

## RESUMO

Os seres humanos sempre buscaram no mundo natural os significados da própria existência e nos diversos usos da Natureza com finalidades curativas e espirituais. O povo Pankará habita a Serra do Arapuá, município de Carnaubeira da Penha. A Serra possui uma altitude aproximada de 900 metros, e está localizada no sertão do semiárido pernambucano, na mesorregião do São Francisco, pertencendo a microrregião de Itaparica. A vegetação é basicamente composta por Caatinga Hiperxerófila com trechos de floresta caducifólia. Este estudo teve como objetivo refletir e discutir os saberes do povo Pankará em relação ao Bioma Caatinga e sobre como os usos da flora com finalidade terapêutica relaciona-se com o sagrado, em especial as plantas da Serra do Arapuá, com seus usos, formas e indicações terapêuticas pelos índios. O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisas bibliográficas e das memórias indígenas, por meio de entrevistas. Como vários são os saberes indígenas sobre os recursos naturais, destacam-se as plantas com finalidades ritualísticas e terapêuticas no processo de construção e manutenção da identidade étnica de vários povos indígenas no sertão nordestino. Assim, os índios Pankará podem afirmar sua identidade a partir da “ciência do índio”, com a utilização de plantas para fins curativos e ritualísticos, como também as matas e as pedras. Fica evidente a relação entre os aspectos culturais e sagrados com os recursos naturais utilizados na terapêutica como forma de afirmação identitária para o povo Pankará.

**Palavras-chave:** semiárido, povos indígenas, plantas medicinais.

---

\* Professora de História do Instituto Federal Sertão/PE *Campus* Petrolina, Pernambuco. Mestra em História pelo Programa de Pós Graduação em História/Universidade Federal de Campina Grande, desenvolvendo pesquisas com comunidades Quilombolas, de Terreiros e Povos Indígenas na área de História Ambiental e Educação. E-mail: edivania.granja@gmail.com

\*\* Leciona História no Centro de Educação/Col. de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco e no Programa de Pós Graduação em História/Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba – PPGH/UFCG. Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: edson.edsilva@gmail.com

\*\*\* Mestra em Recursos Naturais do Semiárido pela Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF/*Campus* Petrolina. Doutoranda em Biotecnologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS – BA). E-mail: fernanda.gso@hotmail.com

## ABSTRACT

### SCIENCE OF INDIGENOUS PANKARÁ IN SERRA DO ARAPUÁ: USE OF NATURAL RESOURCES IN THERAPY AND RITUALISTIC

Humans have always sought in the natural world the meaning of existence and the various uses of nature with healing and spiritual purposes. The Pankará people inhabit the Serra do Arapuá, Carnaubeira municipality of Penha. The Mountain has an altitude of 900 meters, and is located in the interior of Pernambuco semi-arid in the middle region of San Francisco, pertaining to micro – Itaparica. The vegetation is primarily composed of Caatinga hyperxerophilic with deciduous forest stretches. This study aimed to reflect and discuss the knowledge of Pankará people in relation to the Caatinga and how the flora of uses for therapeutic purposes relates to the sacred, especially the plants of the Serra do Arapuá with their uses, forms and therapeutic indications by the Indians. The study was developed through bibliographic research and indigenous memories through interviews. How many are the indigenous knowledge on natural resources, there are the plants with ritual and therapeutic purposes in the construction process and maintenance of ethnic identity of many indigenous peoples in the northeastern backlands. Thus, Pankará Indians can assert their identity from "Indian science", with the use of plants for healing and ritual purposes, as well as woods and stones. It is evident the relationship between cultural and sacred aspects with the natural resources used in therapy as a means of identity affirmation for Pankará people.

**Keywords:** semi-arid, indigenous peoples, medicinal plants.

## Introdução

Os seres humanos sempre buscaram no mundo natural os significados da própria existência, desde os usos dos recursos naturais como alimentos, na construção de abrigos, na proteção corporal através de extração de substâncias vegetais usadas sobre a pele, confecção de vestimentas oriundas da fauna e da flora ou nos diversos usos da Natureza com finalidades curativas e espirituais. As plantas com funções terapêuticas e ritualísticas são significadas por vários grupos humanos distintos, às quais são

atribuídas forças divinas, poderes medicinais e sagrados.

Os povos indígenas adquiriram ao longo do tempo grande conhecimento sobre a biodiversidade nos ambientes onde vivem, fazendo usos diversos dos recursos da Natureza, numa dimensão sagrada, cultuada na ancestralidade, numa interligação dos indígenas com seus ambientes natural e sobrenatural (ALBUQUERQUE, 2002), como os índios Pankará.

Desde o início da colonização da América Portuguesa existem relatos de colonos, missionários e agentes estatais sobre a diversidade vegetal,

os usos de plantas com finalidades terapêuticas e a descrição de plantas com significado mágico-religioso por diversos grupos indígenas. Em relação aos indígenas que habitavam a atual área nordestina, foram destacados por representantes governamentais alguns episódios sobre rituais indígenas com uso da planta Jurema, produzindo denúncia dos efeitos prejudiciais à saúde e aos bons costumes dos consumidores, gerando proibição expressa do consumo desta planta pelas autoridades, inclusive acusações da participação na ritualística indígena e seu consumo por missionários (NASCIMENTO, 1994; APOLINÁRIO; FREIRE; DINIZ, 2011; FREIRE, 2013).

A planta jurema para os atuais indígenas é considerada como uma droga mágica, mesmo que várias espécies sejam usadas nos rituais, as mais consumidas são a jurema preta, classificada como *Mimosa hostilis* Benth ou *Mimosa tenriflora*, e a jurema mansa, classificada como *Mimosa verrucosa* (MOTA, 2008, s/p). Portanto, a espécie botânica utilizada, sofre variação dependendo da região (BAIRRÃO, 2003), no entanto, seu

simbolismo permanece o mesmo. Para os indígenas, a jurema, representa a sacralização do mundo vegetal.

Dessa forma, os grupos indígenas no Nordeste atribuem valor de ordem material e imaterial aos processos ritualísticos de cura, pois as plantas com poder medicinal são também sagradas e os pajés são as autoridades místicas, sabedores do preparo, da ritualística e da ação potencial de cura de determinadas plantas.

O povo Pankará habita a Serra do Arapuá, um brejo de altitude, no município de Carnaubeira da Penha no sertão pernambucano, bioma caatinga, área da bacia do São Francisco no semiárido nordestino. Este povo se mobiliza pelos direitos a terra e assistência governamental há mais de cinquenta anos, mas somente em 2003, se autodenominaram um dos “Povos resistentes”, afirmando as mobilizações pela terra e a garantia de direitos sociais, como Saúde e Educação diferenciadas (SILVA, 2004). Atualmente, o Território Pankará encontra-se em fase de finalização da demarcação de suas terras.

O bioma caatinga é a única região natural exclusiva do território brasileiro. Mas, também é a menos estudada, possui menos unidades de conservação, sendo ainda a menos protegida das regiões naturais do Brasil. Nessa região, ocorre um extenso processo de mudança e devastação de seus ambientes com a exploração excessiva dos recursos naturais. A continuidade desse processo resultou na extinção e alteração de vários ecossistemas exclusivos, como também a ocorrência em vários locais de áreas de desertificação (Leal et al., 2005).

Estudos apontam que no semiárido nordestino, ao longo do tempo, vem ocorrendo a exploração excessiva de seus recursos naturais, com o predomínio do “ruralismo tradicional” e suas práticas predatórias, marcadas pela relação paternalista com o Estado. Tais práticas resultaram em um acelerado processo de destruição de recursos hídricos por meio do desmatamento das matas ciliares, o assoreamento de rios e reservatórios, o esgotamento de solos com a perda de componentes físicos e químicos através da erosão e restrições do potencial biológico das terras,

reduzindo a produtividade agrícola e como consequência reduzindo a qualidade de vida das populações locais (CIRILO et al., 2007, p. 58).

Diante deste contexto, este estudo teve como objetivo refletir e discutir os saberes do povo Pankará em relação ao bioma caatinga e sobre como os usos da flora com finalidade terapêutica relaciona-se com o sagrado, em especial as plantas da Serra do Arapuá, consideradas sagradas, com seus usos, formas e indicações terapêuticas pelos índios.

### **Metodologia**

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizou-se concepções teóricas e metodológicas, particularmente da História Ambiental, por meio de pesquisas bibliográficas e das memórias indígenas, através de entrevistas, afim de buscar compreender os conhecimentos e as práticas daquele povo com o ambiente natural e a afirmação da identidade Pankará.

Os depoimentos foram utilizados com as devidas autorizações dos entrevistados, e por conta disso optamos por citar os nomes dos participantes na referida pesquisa. Toda a documentação

relativa a essa questão foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFCG processo nº23.096,012596/13-65.

### **Os recursos naturais na terapêutica e ritualística**

Os recursos naturais têm tido papel importante na terapêutica desde a antiguidade, com vários relatos na história da utilização de plantas, animais, minerais, dentre outros elementos utilizados para fins medicinais, além do preparo de compostos derivados destes recursos. Vale ressaltar que as crenças e rituais sempre acompanharam o processo saúde-doença, que podem ser relacionadas a várias questões transcendentais, de cunho social e ligadas ao sobrenatural (INOCÊNCIO, 2007). Desta forma, em praticamente todas as culturas e civilizações pode-se perceber a ligação das terapias medicinais com o sagrado no processo de adoecimento e morte (NUNES, 1983).

O conhecimento tradicional da utilização de plantas para fins terapêuticos é atualmente visto como um dos caminhos para o estudo de plantas medicinais. Esta abordagem

consiste na seleção de espécies, baseada na indicação por grupos populacionais específicos, de acordo com os conhecimentos locais da utilização dos recursos naturais e a sua aplicação na terapêutica (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006). Esta estratégia tem sido utilizada em todo o mundo e é reconhecida como uma das formas de comprovação da segurança e eficácia de plantas medicinais (OLIVEIRA; LEHN, 2015).

O uso de plantas medicinais na cura de doenças está relacionado com a própria evolução humana. Os homens desde a antiguidade utilizavam suas próprias experiências baseadas na observação do uso de plantas pelos animais, além do uso de plantas como força divina e relacionados a ritos religiosos, para a cura de determinadas doenças. Desta forma, o emprego das plantas medicinais pode ser identificado em todas as épocas, em todas as camadas sociais e quase em toda a humanidade (OLIVEIRA; et al., 2006).

O uso de plantas esteve presente durante toda a história da humanidade, não apenas para o uso alimentar, mas também para uso

ritualístico e terapêutico. Durante longo período, as plantas medicinais constituíram o principal recurso terapêutico disponível, mas os avanços tecnológicos trouxeram as drogas sintéticas para o tratamento de enfermidades. Atualmente, a sociedade vem valorizando a utilização de produtos naturais com propriedades terapêuticas, provavelmente devido à busca por hábitos saudáveis, além de problemas com o tratamento eficiente de certas enfermidades, como a resistência bacteriana e efeitos colaterais dos medicamentos alopáticos (SOUZA, 2008).

O Brasil é o país de maior biodiversidade do planeta e possui uma diversidade cultural muito particular, apresentando grande potencial para o desenvolvimento de pesquisas em novas tecnologias e serviços terapêuticos (BRASIL, 2006). Segundo Oliveira; Araújo (2007), o emprego de plantas medicinais na terapêutica, em países em desenvolvimento como o Brasil, pode ser visto como uma alternativa, principalmente para a população de baixa renda, já que são eficientes e de baixo custo, além de possuir um aspecto cultural.

Gabriel Soares de Souza, em ‘Tratado descritivo do Brasil de 1587’, descreveu os nativos da América Portuguesa como grandes conhecedores dos recursos naturais, e descreveu também várias doenças e usos de recursos da natureza na terapêutica dos índios Tupinambá. Por exemplo, para tratamento de bexigas, estes usavam sumo de ervas, e as velhas índias usavam dente bem afiado de cotia nas feridas. Para as feridas e flechadas utilizavam ervas, óleos e balsamos e faziam uma cama de varas com fogo embaixo que o doente deitava com a parte do corpo ferido para ser esquentado pelo fogo. Também usavam mingaus e caldo de carimã para os doentes de ‘terçã e quartã’ (SOUZA, 1971). A malária era chamada pelos espanhóis de ‘terçã’ e pelos portugueses de ‘quartãs’ e a farinha de carimã citada por Gabriel Soares de Souza é a farinha de mandioca (ARCANJO, 2004).

Como vários são os saberes indígenas sobre os recursos da flora, destacam-se as plantas com finalidades ritualísticas e terapêuticas no processo de construção e manutenção da identidade étnica de vários povos indígenas no Sertão nordestino

(COLAÇO, 2006). Os índios Pankará afirmam sua identidade a partir da “ciência do índio”, com a utilização de plantas como a jurema, composta de usos e significados atribuídos também a outras plantas na mistura do ‘vinho da jurema’, na fabricação de fumo usado no ritual e também nos locais sagrados da Serra do Arapuá, como as matas e as pedras.

A ciência do índio pode ser compreendida como o conhecimento apropriado pelos índios dos recursos naturais. Já em relação ao uso medicinal destes recursos, os rituais de curas são permeados por relações de poder estabelecidas pelos detentores do conhecimento, como os pajés e especialistas indígenas (MOTA, 2007).

Com esta evidente associação da terapêutica com o sagrado, na cultura Pankará, constituindo uma afirmação da identidade deste povo, o Toré pode ser apontado como um elemento ritualístico central, composto por vários elementos da natureza e envolto em segredos, associado ao consumo do vinho da jurema, bebida preparada a partir da raiz da jurema preta. A dimensão atribuída para a árvore jurema preta pelos Pankará pode ser apontada

pelo depoimento do Pajé Pedro Limeira, que a define como “o professor do índio” (PEDRO LIMEIRA, 2012).

A utilização da jurema foi citada pela índia Noêmia, que afirma que esta é utilizada “para fazer o vinho da jurema para curar, junto com as orações que os Pajés têm os segredos, mas também tem os anciãos que sabem também rezar e usam as ervas (NOEMIA LOPES, 2014).

É importante destacar na dança ritualística do Toré a inclusão de plantas medicinais para curar problemas físicos e psicológicos, e também é citado para manter do equilíbrio social no universo (MOTA, 2007, p. 231).

Vários aspectos podem ser observados em relação ao cuidado com a coleta, preparo e manejo das plantas medicinais, com a significação sagrada para a extração da raiz da planta jurema, quanto para a fabricação do vinho da jurema, processo com seus significados no ritual Toré Pankará. “A raiz da Jurema não pode ser coletada em qualquer lugar. Segundo o Pajé Pedro Limeira [...] a jurema ‘ouve coisas’ e essas coisas podem

interferir durante o ritual. Por isso, a raiz da Jurema só pode ser coletada nas matas sagradas” (BULCÃO, 2010, p. 35).

A planta Jurema e suas diferentes espécies e formas de usos na terapêutica e na ritualística:

A jurema preta sem espinho é usada para o ritual de falar com os encantados, faz o vinho da Jurema. A Jurema preta com espinho serve para curar diabetes, colesterol, próstata e para inflamação de doenças da mulher. Tira a casca e bate e espreme com água e coloca numa vasilha e fecha. Dura até 06 meses. Pega essa mistura e coloca mais água e toma todos os dias (MANOEL GONÇALVES DA SILVA, 2013).

A compreensão dos Pankará sobre o seu ambiente e suas relações com os recursos naturais envolve o espaço físico, sociocultural, político, econômico e religioso, relacionados à apropriação dos elementos da natureza (LEONARDI, 1999), dentro das suas relações com a Serra do Arapuá, o que pode ser afirmado pelo índio Pankará, Manoel Gonçalves da Silva (Nenem), grande conhecedor das ervas e matas no uso da terapêutica e da ritualística, “Nossas matas têm donos, os Encantos de

Luz, eles trabalham pra gente do dia à noite. No inverno recebendo e armazenando as águas das chuvas e no verão garantindo a distribuição nos olhos d’água” (PROFESSORES PANKARÁ, s/d, p. 20).

Os Pankará afirmaram praticar o que chamam de ‘ciência do sagrado’, um ritual oculto praticado pelos pajés, orientado pelos “encantados” e o Toré, a dança ritualística, pois “O Toré é quem dá a força para o povo. Ele coloca o índio em contato com a Lua, com o Sol, com o céu e com a Natureza” (MANOELZINHO CAXIADO, 2012).

Afirmando que os índios na Bahia tinham noções de toxicologia através de emprego de plantas com finalidades anestésicas e no tratamento de diversas doenças, um pesquisador na década de 1950, tratou da “medicina indígena”. Este estudo ainda afirmou que os indígenas eram possuidores de sabedoria natural, suas tradições e os diferentes usos do meio natural encontravam disseminados nas mais diversas práticas da medicina dos índios. (MENEZES, 1957, p. 44). Numa perspectiva de análise que enfatizou os índios como seres primitivos e de baixo nível de

civilização, descreveu que os conhecimentos sobre a atuação medicamentosa e os prognósticos descritos pelos índios curadores sempre eram incertos e duvidosos. Por isso, “os sílvcolas valeram-se sobretudo das mistificações, dos aparatos, das cerimônias, em suma, da encenação que lhes cobrirá tudo quanto a ignorância lhes não podia propiciar” (MENEZES, 1957, p. 84).

Várias outras plantas, além da jurema, são usadas na terapêutica e fazem parte também da ritualística Pankará, e, portanto, são consideradas sagradas. O caroá (*Neoglaziovia variegata* [Arruda] Mez), por exemplo, compõe a vestimenta do ritual, denominado pelos indígenas de farda. O conhecimento sobre o ambiente é também revestido do sagrado, como explicou o Pajé Pedro Limeira, informando que a raiz da árvore quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium* [Roem.] Schult) é indicada para inflamação e o modo de uso é fazer o chá é com a mistura da raiz com água. Mas ressaltando que “Tem que saber o lado de pegar a raiz. Deve ser do lado da nascente para o poente e tem que marcar com

o sol e luz e as estrelas para saber tirar” (PEDRO LIMEIRA, 2013).

Os usos da flora também fazem parte da ritualística e das práticas cotidianas dos Pankará, como o Maracá, instrumento feito do fruto da planta cabaça (*Lagenaria vulgaris* L.), usado no ritual do Toré. A fibra do caroá é usada fazer a farda da dança do ritual do Toré, “o índio estando fardado sente-se em contato com natureza que lhe dá toda a sabedoria e fortalecimento [...]” e também para fazer o cocar, “O cocar é quem dá força para pisar com fé o nosso Toré”. Outra peça feita do caroá, denominada de Aió, possui grande significado para os Pankará, sendo utilizada para carregar diversos elementos da ritualística, como também nas práticas agrícolas, servindo para transportar sementes para o plantio ou instrumentos de caça, água em cabaças e alimentos, destacando-se na constituição “do nome Pankará: PAKA= fumo – ARÁ = aió”. Além de outro instrumento feito de madeiras extraídas da Serra, como jatobá (*Hymenaea courbaril* L.), pau ferro (*Caesalpinia leiostachya* [Benth] Ducke), ou pau-d’arco (*Handroanthus impetiginosus* [Mart. ex DC. ]

Mattos), que é a borduna, descrito pelos índios como a arma que era utilizada na defesa dos ataques dos não-índios, atualmente é símbolo de resistência e nos rituais é a força dos encantados (PROFESSORES PANKARÁ, s/d, p. 6-7).

Os Pankará na afirmação identitária os seus saberes entrelaçam com o Ambiente, como destacou o Pajé Pedro Limeira, morador na Aldeia Serra Cacaria, Serra Arapuá:

Nasci índio. Não sei ler. Fui lidando com animais, andando nas matas. Sou índio. A ciência e sabedoria aprendi nas matas, caçando, cuidando das matas, sombras, saber conhecer as réstias, analisar. Aprendi assim, tinha a ciência e sabedoria dos primeiros índios. Não aprendi nada escrito, aprendi nas matas. As matas só usa para remédio. A terra é viva, é a mãe de todos nós e dos animais. A terra é criadora. Uso Velame, Fedegoso, Melão Caetano, Pião Roxo. Tem que saber da medicina ventosa que vem do vento. Tem o Niaré, Pau do Mestre João Cura, resina. Pau alho só tem no Boqueirão. [...]. Tem aqui Casa de farinha e a criação é pouca. Com a seca tem pouco gado e bode. O barro, o caroá e a caça vem do Sertão, pé da serra. Os índios têm a

farda, força do caroá (PEDRO LIIMEIRA, 2012).

Os espaços sagrados dos Pankará são compostos do terreiro, local de ritual, contendo um cruzeiro, ornamentado com imagens de santos, a planta jurema e artefatos arqueológicos encontrados na serra. O gentil, semelhante ao terreiro, é um pequeno abrigo, construídos próximos as residências; e os reinados, localizados em pedras destinados a “ciência oculta”, como um local de difícil acesso (MENDONÇA, 2003). Em um estudo sobre a Educação Pankará foi evidenciada a relação dos Pankará com os elementos da natureza e do sagrado,

Na Pedra e Reinado do Mestre Dondonzinha, lá se encontram outros reinados, como o da pedra das abelhas, devido à existência de vários tipos de abelhas e do mestre Alves. Esse reinado é particularmente importante dentro dos rituais realizados pelos Pankará. A Pedra das Abelhas abriga o reinado do mestre Atikum. Nesse espaço não mais se praticam rituais. Pedra das Três Irmãs, localizada em frente da Aldeia Enjeitado; a Casa de Pedra, situada na aldeia Umbuzeiro, dispõe de uma vista muito bonita,

bastante frequentada por turistas, há registros arqueológicos no local, como pedras, sob formato de trempes de fogão. Os espaços sagrados para os Pankará podem ser representados como memória discursiva. Seria dicotômico afirmar que entre os Pankará há espaços exclusivos para prática de rituais sagrados, já que eles sobrevalorizam toda Serra atribuindo-lhe significados míticos e sobrenaturais. Por conseguinte, reservar determinados lugares em função da realização de rituais específicos não diminui o sentimento de ligação com os demais ambientes (PROFESSORES PANKARA, s/d, p. 8).

Na Serra do Arapuá também existem outros locais considerados sagrados, como as formações rochosas, denominadas de Pedra do Catolé, lugar de moradia do encanto Júpiter do Catolé, com predominância da planta catolé (*Syagrus oleracea* [Mart.] Becc.). A Pedra de Manoel Maior, outro lugar que mora o encantado do mesmo nome e a Pedra do Cumbe, local misterioso, “com muitos risos, falas” (PROFESSORES PANKARÁ, s/d).

Enfim o sagrado permeia todo o universo da área habitada pelo povo Pankará como afirmou um

índio Pankará, “Toda a família era daqui e já entendia de coisa de índio, mas tinha que fazer tudo escondido, aonde eles faziam todos os estudos era no meio da mata, numa pedra, o reinado sagrado” (MANOEL GONÇALVES DA SILVA, 2014).

Enfatizando ainda os conhecimentos sobre os cuidados com a coleta, cultivo e manuseio das plantas consideradas sagradas ou medicinais, podemos compreender o conhecimento sobre as plantas medicinais e o espaço que o índio Nenem Pankará destinou como reserva de plantas medicinais relacionam-se com a história de sua família e os significados do ambiente,

Eu nasci no remédio. Primeiramente meu povo era um povo de remédio. Minha família era tudo do mato, nós era no mato, nós ainda tem uma casa ali dentro da Serra, que nós tudo vivia dentro do mato. Essa reserva tem muitos remédios. Era terra aqui não tinha pagamento de renda, era do meu avô, nunca deu a ninguém, os outros deram, mas meu avô lutou e nunca deu a ninguém, ele tinha também aquela mata que é bem fria, a gente tem uma casa lá e é lá que tem todos remédios (MANOEL GONÇALVES DA SILVA, 2014).

## Considerações finais

As plantas são utilizadas de diversas formas ao longo do tempo por toda a história da humanidade, sendo importantes fontes farmacológicas (RAVEN; EVERT; ERICHHORNS, 1996, p. 659). As plantas usadas na terapêutica também fazem parte da identidade étnica e dos direitos fundiários do povo Pankará, pois as plantas não são somente organismo biológicos para os indígenas, são também elementos culturais, possuindo portanto, propriedades biológicas e culturais, significando a terra e as pessoas (MOTA, 2007).

Fica evidente a relação entre os aspectos culturais e sagrados com os recursos naturais utilizados na terapêutica como forma de afirmação identitária para o povo Pankará. O mundo vegetal pode ser então compreendido como parte essencial na vida do grupos humanos que habitam as áreas de matas, de florestas. Portanto, as plantas usadas na terapêutica podem ser possuidoras de duas dimensões, a

atuação química no corpo humano através dos princípios ativos das plantas com a função de cura e as plantas como significado cultural, a partir do sentido atribuído as plantas com poder de cura pelos usuários.

Nessa perspectiva, um índio Pankara destacou que,

Aí se a gente acredita na natureza ela ensina. Olhe a natureza, ela tem de tudo e se você acreditar nela, ela ensina tudo que você quiser. Acredite em laborar com ela, em reserva ela, os animais, aí ela ensina tudo. Tem que ter cuidado com as plantas, não matar os bichos, aí ela cuida (MANOEL GONÇALVES DA SILVA, 2014).

Assim, pode-se afirmar que os significados que os indígenas atribuem ao Ambiente em que vivem relaciona-se com os saberes sobre a biodiversidade. Em relação aos conhecimentos, usos e os cuidados com as plantas utilizadas na terapêutica também podem ser interpretados como uma forma de preservação ambiental.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M.C. **Seara indígena: deslocamentos e dimensões identitárias.** Fortaleza: UFC, 2002. (Dissertação Mestrado em História).

ALBUQUERQUE, U.P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 16(Supl.), p. 678-689, 2006.

APOLINÁRIO, J. R.; FREIRE, G. S.; DINIZ, M. O. **Denúncia e Visitações ao Território Mítico da Jurema: Relações de Poder e Violência entre Representantes Inquisitoriais e Líderes Religiosos Tarairiu na Parahyba Setecentista**. Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais – Salvador, agosto, 2011. Disponível em: <http://www.ufrb.edu.br/simposioinquisicao/wp-content/uploads/2012/01/Juciene-Apolin%C3%A1rio.pdf>. Acessado em 20/05/2014.

ARCANJO, A. R. L. **Estudo da aplicabilidade dos testes imunocromatográficos como diagnóstico da malária na Atenção Básica de Saúde no município de Manaus**. Manaus: UEA; 2004. (Dissertação Mestrado em Doenças Tropicais e Infecciosas).

BAIRRÃO, J. F. M. H. Raízes da Jurema. **Psicologia USP**, vol.14, no. 1, São Paulo, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciências, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília, 2006.

BULCÃO, L. L. S. **Relatório Ambiental – Grupo de Trabalho de Identificação/Delimitação da Terra Indígena da Serra do Arapuá**. FUNAI – Salvaguarda de Comunidades Indígenas, Contrato no. CLTO 1748/2009 e IRPF: AS-4043/2009, Florianópolis, 2010.

CASTRO, E. R. de. **Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais**. Papers do NAEA 098, UFPA, 1998.

CIRILO, J. A. et al. Caracterização do Semiárido Brasileiro. In: CIRILO, J. A. et al. **O uso sustentável dos recursos hídricos em regiões semiáridas**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. 508p.

COLAÇO, M.A. S. **Etnobotânica dos índios Pankararé, no Raso da Catarina–Bahia**: uso e importância cultural de plantas da Caatinga. Feira de Santana: UEFS, 2006. (Dissertação Mestrado em Botânica).

CUNHA, M. C. **Índios no Brasil**: História, direitos e cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

DRUMMOND, J. A. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 4, n. 8, 1991, p. 177-197. Disponível em: [http://www.moodle.ufba.br/file.php/11646/Hist\\_ria\\_ambiental.pdf](http://www.moodle.ufba.br/file.php/11646/Hist_ria_ambiental.pdf). Acessado em 30/11/2012.

FREIRE, G. S. **Das “feitiçarias” que os padres se valem**: circularidades culturais entre os índios Tarairiú e os missionários na Paraíba oitocentista. Campina Grande: UFCG, 2013. (Dissertação Mestrado em História).

INOCÊNCIO, D. Entre a ciência e a crença: A postura médica frente à “Cura Religiosa”. *Revista Digital de Estudos em Religião*, v. III, 2007.

LEAL, I. R. et al. **Ecologia e conservação da Caatinga**. 2ª ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005. 822p.

LEONARDI, V. P. B. **Os historiadores e os rios**: Natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Paralelo 15, Editora Universitária de Brasília, 1999.

MENDONÇA, C. F. L. **Os índios da Serra do Arapuá**: identidade, território e conflito no Sertão de Pernambuco. Recife, UFPE, 2003. (Dissertação Mestrado em Antropologia).

MENEZES, J.S. **Medicina Indígena (na Bahia)**. Coleção de Estudos Brasileiros – Série Cruzeiros – Volume 13. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

MOTA, C. N. Considerações sobre o processo visionários através do uso da jurema indígena. In: **Anais/26ª RBA** – 01 a 04/06/2008, Porto Seguro, BA. Disponível em: [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2006/clarice%20novaes%20da%20mota.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2006/clarice%20novaes%20da%20mota.pdf). Acessado em 31/12/2013.

\_\_\_\_\_. **Os filhos da Jurema na Floresta dos Espíritos:** ritual e cura entre dois grupos indígenas do Nordeste brasileiro. Maceió: EDUFAL, 2007.

NASCIMENTO, M. T. S. **“O tronco da Jurema”:** ritual e etnicidade entre os povos indígenas do Nordeste – o caso Kiriri. Salvador, UFBA, 1994. (Dissertação Mestrado em Sociologia).

NUNES, E. (Org). **Medicina social:** aspectos históricos e teóricos. São Paulo: Global Edit. 1983.

OLIVEIRA, C. J.; ARAÚJO, T. L. Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 09, n. 01, p.93-105, 2007.

OLIVEIRA, J.P. Uma etnologia dos “índios misturados”: situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: OLIVEIRA, J. P. (Org.). **A viagem de volta:** etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2004, p. 13-38.

OLIVEIRA, F.G.S.; LEHN, C.R. **Fitoterápicos no Brasil:** riscos e perspectivas. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

OLIVEIRA, M.J.R.; SIMÕES, M.J.S.; SASSI, C.R.R. Fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS) no Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 8 n.2, p. 39-41, 2006.

PÁDUA, J. A. A ocupação do território brasileiro e a conservação dos recursos naturais. In: MILANO, M; TAKAHASHI, L; NUNES, M. **Unidades de Conservação:** atualidades e tendências. Curitiba: Fundação O Boticário, 2004. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/cea/files/2011/12/JoseAPadua.pdf>. Acessado em 18/05/2014.

PROFESSORES PANKARÁ. **Etnologia Pankará.** Caruaru: Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco. (Trabalho desenvolvido no 2º Laboratório Intercultural Indígena. Curso de Licenciatura Intercultural), s/d.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORNS, S. E. **Biologia Vegetal**. 5<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1996.

REESINK, E. Raízes Históricas: a Jurema, Enteógeno e Ritual na História dos Povos Indígenas no Nordeste. In: MOTA, Clarice Novaes da; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. (Orgs.). **As muitas faces da jurema**: de espécie botânica à divindade afro-indígena. Recife: Edições BAGAÇO, 2002, p. 61-96.

SANTANA, J. V. J. Globalização e saber indígena: na “Geografia do Sagrado” a possibilidade de construção de uma identidade étnica. **Revista Fórum Identidades**, Ano 3, Volume 6, jul-dez. de 2009, p. 43-54.

SILVA. L. S. Brejos de altitude, refúgios para os grupos humanos do sertão: o caso da Serra do Arapuá, Floresta, PE. **Clio Série Arqueológica**, v.1, n. 14 - Anais da X Reunião Científica da SAB. Recife: UFPE, 1999, p. 237-244.

SILVA, E. “Os caboclos” que são índios: História e resistência indígena no Nordeste. **Revista do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco/CESVASF**. Belém de São Francisco, ano III, no. 3, 2004, p.127-137.

SILVA, G. “**Chama os Atikum que eles desatam já**: práticas terapêuticas, sabedores e poder. Recife: UFPE, A2007. (Dissertação de Mestrado em Antropologia).

SOUZA, G. S. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, Edusp, 1971.

SOUZA, A. C. M. SILVA, M. R. R. **Potencial antifúngico de extratos de *Hymenaea martiana***. Dissertação de Mestrado. Medicina Tropical - Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2008.

### **Pessoas Entrevistadas:**

Manoel Gonçalves da Silva (Nenem), 53 anos. Aldeia Marrapé, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 31/05/2013, 21/02/2014, 05/03/14 e 20/04/2014.

Manoel Antonio do Nascimento (Pajé Manoelzinho Caxeado), 72 anos. Aldeia Lagoa, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 05/11/2012 e 30/11/2013.

Noemia Lopes, 43 anos. Aldeia Mingu, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 21/02/14.

Pedro dos Santos (Pajé Pedro Limeira), 82 anos. Aldeia Cacaria, Serra da Cacaria/Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 05/11/2012 e 31/05/2013.